



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Formação de Professores

Carolina Nascimento de Medeiros Magalhães

**PEDAGOGIA HOSPITALAR NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ANTÔNIO PEDRO:  
CURRÍCULO E PRÁTICAS**

São Gonçalo  
2011

Carolina Nascimento de Medeiros Magalhães

**PEDAGOGIA HOSPITALAR NO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ANTÔNIO PEDRO:  
CURRÍCULO E PRÁTICAS**

Monografia apresentada como requisito para a conclusão do curso de Graduação em Pedagogia do Departamento de Educação da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo  
2011

M188 Magalhães, Carolina Nascimento de Medeiros.  
A Pedagogia hospitalar no Hospital Universitário Antônio Pedro :  
currículo e práticas / Carolina Nascimento de Medeiros Magalhães. – 2011.  
32f.

Orientadora: Helena Amaral da Fontoura.

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do  
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Hospital Universitário Antônio Pedro – Niterói (RJ) – Condições  
sociais. 2. Hospitais universitários – Rio de Janeiro. I. Fontoura, Helena Amaral  
da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de  
Professores.

CDU 362.113(815.3)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por sua fidelidade e seu amor incondicional, sem Ele eu não conseguiria chegar até aqui;

À minha orientadora Profa. Dra. Helena Amaral da Fontoura por toda dedicação, ensinamento, compreensão e paciência;

Aos meus amados pais, Márcia e Nelson, por toda a dedicação e carinho;

A minha melhor amiga e irmã Nathalia, que me ajudou de todas as maneiras possíveis;

Ao meu melhor amigo e amor Laelio, por toda a paciência que teve comigo;

Aos professores Simone dos Santos Botelho, Victor Vita e demais professores do Programa Pedagogia Hospitalar do Hospital Universitário Antônio Pedro e do Hospital Getúlio Vargas Filho;

Às meninas que durante a graduação aprendi a amar: Larissa, Katiúscia e Vivian;

Aos avós Teresa, Mauro e Jacy, a bisá Ana, aos tios de perto e de longe, aos primos muito amados, a Rodrigo e demais amigos que estiveram comigo nesta caminhada.

Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.

*Hermann Hesse*

## **RESUMO**

O espaço hospitalar é conhecido como espaço de frustrações, angústias, medos, anseios, dores e tantos outros sentimentos ruins. Ao olhar para a instituição hospitalar pouco se sabe sobre a construção de conhecimentos e relacionamentos saudáveis neste espaço. Este estudo visa apresentar o espaço hospitalar como lugar possível para construção de conhecimentos significativos através de ações educativas. O campo da pesquisa é o Hospital Universitário Antônio Pedro que participa do Programa Pedagogia Hospitalar em parceria com a Fundação Municipal de Educação de Niterói e a Secretária Municipal de Educação. As ações educativas neste espaço possibilitam o bem estar e o desenvolvimento emocional, afetivo e intelectual dos pacientes. Através do currículo flexibilizado é possível transformar o hospital em um lugar de experiências saudáveis, dando a oportunidade dos alunos internados continuarem seus estudos e depois retornarem a escola regular depois da saída do hospital.

Palavras chave: Pedagogia hospitalar; Currículo; Crianças e Adolescentes.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CAPÍTULO 1- Ideias Norteadoras.....</b>	<b>13</b>
1.1 - Currículo.....	13
1.2 - Currículo no Hospital .....	15
1.3- Classe Hospitalar.....	18
<b>CAPÍTULO 2 - A Pesquisa.....</b>	<b>22</b>
2.1 - O Local da Pesquisa.....	22
2.2 - Descrição da atividade realizada com as crianças.....	26
2.3 - Panorama de Achados.....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## INTRODUÇÃO

Escrever sobre a minha trajetória escolar, por mais que não seja tarefa fácil, é uma oportunidade de resgatar memórias, vivências, conhecimentos, que pude adquirir no decorrer desta caminhada, e que pensava ter esquecido. Ao mesmo tempo em que é desafiador escrever sobre esta trajetória, é uma maneira de fazer com que outros conheçam a minha história escolar, desde a educação infantil até o período que me encontro hoje, em fase de finalização, o de graduação.

Iniciei o meu período escolar aos quatro anos de idade, no ano de 1993, no *Educandário Ester Prét*, situado em São Gonçalo, próximo à minha casa. Não fiz o período anterior, pois minha família não tinha condições de me matricular em uma escola. O uniforme da Educação Infantil era uma bermuda vinho com o emblema da escola e uma blusa branca com o nome dado à Educação Infantil: “Meu cantinho feliz”. A professora da turma se chamava Elizabeth. No primeiro dia de aula minha mãe contou que eu não chorei para entrar e que era uma das crianças mais tranquilas da turma. Fiquei pouco tempo no “Jardim II”, pois a professora percebeu que mesmo eu não fazendo o período anterior, era mais adiantada que muitos alunos na sala. Terminava minhas tarefas e ainda ajudava outras crianças. Em uma conversa entre a direção da escola, meus pais e a professora, foi decidido que eu seria passada para o Jardim III antes mesmo de o ano letivo acabar. E assim foi feito. Realizei o Jardim II no 1º e 2º bimestres e o Jardim III no 3º e 4º bimestres sem nenhuma dificuldade.

A professora do Jardim III se chamava Luzinete, ela era fantástica. Tinha um jeito engraçado para falar com as crianças. Lembro-me que quando alguém fazia algo errado ela já pegava pelo braço e gritava “Vou te dar uma sacudida!”, ela ameaçava já sacudindo a criança e a turma toda ria. No final do ano letivo a turma fez uma participação na “Festa do Livro” (formatura da classe de Alfabetização). Era quase um ritual, onde os formandos davam as boas vindas aos pequenos que no próximo ano ingressariam na turma de alfabetização. O tema deste ano era “As Profissões”. Cada aluno do Jardim III representava uma profissão. Coincidência ou não a professora Luzinete me colocou como professora. Entrei vestindo uma saia pregueada azul e uma blusa branca, de acessórios os óculos da minha professora e alguns livros na mão. Na hora cada criança falava um versinho e saía.

No ano seguinte, 1994, iniciei, na mesma escola, na turma de alfabetização. A professora se chamava Valéria. Ela ficou pouco tempo na turma, pois se mudou para Angra dos Reis. A turma sentiu muita diferença, e hoje vejo o quanto é difícil para uma classe, principalmente de alfabetização, uma mudança repentina de professor. Quem assumiu a



turma foi a professora Cecília, filha da professora Elizabeth. Utilizamos a Cartilha “*Eu gosto de Ler e Escrever*”. Lembro-me que sua capa era azul com amarelo e tinha o desenho de um mágico, um palhaço e outros elementos do circo. Além da cartilha, era também utilizado o caderno de caligrafia, onde fazíamos algumas cópias e ditados.

A escola incentivava os alunos, principalmente os de alfabetização, à prática da leitura. Algumas vezes na semana tinha o Clubinho da Leitura, onde os alunos levavam livros para casa e traziam dois ou três dias depois. No final do bimestre era divulgado o nome do aluno que mais tinha lido durante o período. Lembro-me que cada aluno criou uma pequena história que foi ilustrada da maneira que cada um queria. Fizemos como se fossem mini livros que colocamos para expor na Feira Literária produzida pela escola. Além dos mini livros, outros trabalhos de turmas diferentes também eram expostos. O interessante desta feira era ser aberta à comunidade escolar, todos podiam ver os trabalhos. Não era de aluno para aluno e sim de aluno para comunidade.

O período de alfabetização chega ao fim e junto com ele a minha festa do livro. A festa foi linda. Meu vestido era branco, rendado e com uma fita de cetim rosa na cintura. Minha avó Tereza colocou o anel no meu dedo e pude receber da professora Cecília o meu primeiro livro, “*O menino que descobriu as palavras*”.



*Minha avó colocando o anel em meu dedo*

Certo momento na festa, eu fui responsável por pronunciar o juramento, o qual me recordo até hoje:

#### ***Juramento***

*“Prometo à minha mestra e aos meus queridos pais procurar ler bons livros para sempre aprender mais. Prometo ao meu bom livrinho tratar-lhe sempre com carinho e assim ler cada vez mais.”*



*Conduzindo a turma na hora do Juramento*

Não posso deixar de mencionar que foi na alfabetização que a professora, junto dos meus pais, descobriu que eu precisava usar óculos. E assim, depois da alfabetização, peguei um prazer incontrolável pela leitura. Poder ler me fascinava, por isso aproveitava e lia de tudo.

Cursei na mesma escola, com a mesma turma de alfabetização a 1ª série, a professora da turma se chamava Ana Claudia. Não lembro nada deste período. No ano seguinte a situação financeira apertou um pouco mais. Fui então fazer a 2ª série no *Centro Educacional Pereira Rocha*, que ficava bem próximo à outra escola. A nova escola era bem grande e tinha um pátio enorme, mas faltava a minha turma. Não consegui me adaptar à nova escola de maneira alguma. A professora se chamava Claudia, ela tentava me ajudar, mas era difícil. Não via a hora de o ano letivo terminar e implorar a meus pais para me trocar de escola.

Em 1997, volto ao *Educandário Ester Prét* para realizar a 3ª série. O primeiro dia de aula eu não esqueço. As crianças da minha antiga turma (1ª série), me cercavam no corredor, me abraçavam, comentavam sobre o ano que havia passado e ainda me apresentavam aos novos amigos. Certo dia houve uma contação de histórias e exposição de livros, no final os representantes da editora, foram de sala em sala sorteando um livro por turma. Mas este livro era diferente. O nome do sorteado seria o nome do personagem principal. A alegria tomou conta de mim quando eu fui a sorteada. O livro foi editado e impresso na hora, e para completar, realmente a menina do livro tinha meu nome. “*A festa dos ursinhos*” está guardado até hoje na estante do meu quarto.

O ano seguinte foi muito agitado, minha 4ª série foi um troca- troca de escola! Já não tínhamos condições mesmo de continuar em uma escola particular, afinal eram duas crianças.

Ainda fiz o 1º bimestre no Educandário, onde pude elaborar um dicionário ilustrado, junto com a professora Eliane, e apresentá-lo na Feira Literária da escola. Meus pais correram muito, pois o período de matrícula já tinha se fechado, mas conseguiram vaga na *Escola Estadual Belarmino de Mattos*. Que período difícil! A escola não era próxima à minha casa, então tínhamos que andar um bom pedaço até chegar. Toda vez que chegava na porta da escola, me dava uma vontade de chorar. Eu detestava aquela escola.

Em meados do ano a escola entra em greve. Ficamos um bom tempo em casa, até que meus pais conseguiram vaga no *Colégio Estadual Monsenhor Barenco Coelho*. Já entrei no 3º bimestre. Estava com tudo atrasado, fora as coisas que eu nem sabia. Para completar, fico em recuperação em Matemática. Tudo parecia um pesadelo. Minha mãe então pede ao filho de uma conhecida que me explique Matemática. Depois de algumas aulas, entendi e consegui realizar a prova.

No Barenco tudo era diferente. Acabei me acostumando, mas era longe de casa. Minha mãe levava e trazia. Houve um tempo em que alguns vândalos da comunidade começaram a jogar ovos podres nas janelas da escola, sendo que as janelas abertas possuíam grades, então os ovos batiam nas grades e sujavam os alunos que sentavam próximo a janela. Toda aula tinha dois ou três que se sujavam com os ovos. Um dia eu fui acertada. Meu cabelo ficou ovo puro. Minha sorte foi que já estava quase no horário da saída e minha mãe já estava pela escola.

Na 5ª série, os ovos tinham acabado, mas a distância da minha casa até a escola continuava a mesma. Foi quando meus pais descobriram que estavam inaugurando uma escola municipal perto da minha casa. Imediatamente levaram meus documentos e os da minha irmã e quando foi em março de 1999, comecei a estudar na *Escola Municipal Paulo Reglus Neves Freire*. A escola tinha acabado de ser inaugurada, estava com cheirinho de casa limpa. Minha 5ª série foi tranquila e os professores ótimos.

Permaneci nesta escola até a 8ª série. A escola era aconchegante, eu amava a biblioteca e a comida do refeitório. Da 6ª até a 8ª fiquei como representante de turma. Os alunos não mudavam muito. Entrava um aqui e outro ali, mas a turma era a mesma. Os alunos tinham autonomia dentro da escola. Alunos e professores se davam muito bem, assim também como inspetores, merendeiras e outros servidores. Sofríamos um pouco com a falta de alguns professores, mas a diretora Selma sempre dava um jeitinho de colocar alguém, para que a turma não ficasse prejudicada.

No final de 2002 dava adeus à 8ª série e a esta escola também. Iria iniciar uma nova etapa. Estava perdida em relação ao que iria fazer no Ensino Médio. Eu queria fazer

Formação Geral, mas minha mãe achou melhor me matricular no *Instituto de Educação Clélia Nanci*. O argumento era que mais vantagem seria se eu fizesse algo que me daria uma profissão imediata, no caso ser professora. E assim foi feita a minha matrícula e no início de 2003, ingressei no Curso Normal. O 1º ano do Ensino Médio foi o mais difícil para adaptação. Mas depois fui me acostumando, gostando, fazendo amizades e então acabei ficando.

No Instituto não suportava o uniforme. Eu odiava a saia pregueada! Prejudiquei-me no Ensino Médio pela falta de professores. Disciplinas como Física e Química, eram precárias, enquanto que as disciplinas voltadas para a área da educação me faziam refletir sobre o papel do professor e sobre o que eu iria fazer depois que o Ensino Médio terminasse. No 2º ano comecei a fazer estágio na mesma escola onde tudo começou, *Educandário Ester Prét*, onde tudo ainda era o mesmo. Professores, diretora, funcionários... só os alunos haviam mudado. Gostaram do meu estágio e logo em seguida fui chamada para trabalhar como auxiliar de Educação Infantil. A cada ano no Instituto um desafio diferente. Sempre tinha um trabalho muito elaborado para ser apresentado. Danças, músicas e teatro pareciam fazer parte integrada do meu curso. Continuei conciliando trabalho e estudos ainda no 3º e 4º ano. Minhas colegas de turma sempre me auxiliavam. Os estágios vinham carregados de surpresas, gostei de cada um que fiz. Identifiquei-me muito com a turma de EJA, mas infelizmente esta foi a que eu estagiei menos tempo.

No ano de 2006 dava adeus ao Instituto de Educação, ainda sem saber o que eu faria a seguir. Continuava trabalhando, mas não tinha certeza se ser professora era o que eu queria. Prestei vestibular então para Biologia, mas não passei. No ano de 2007 estava perdida. Entrei em um Pré- Vestibular, estudei e comecei a refletir sobre as conversas nas aulas no Instituto e sobre o que eu estava passando ainda como auxiliar de Educação Infantil. No momento da inscrição do Vestibular 2008 para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), resolvi me inscrever em Pedagogia. Pensei que seria útil, pois já tinha feito o Curso Normal. A Faculdade de Formação de Professores da UERJ, foi o único lugar que tentei, não pensei em outros cursos.

Em março de 2008 ingressei no curso de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Ao chegar no 3º período tive a oportunidade de participar do grupo de iniciação científica, onde pude refletir sobre o papel do professor e sua prática educativa. Nesta época comecei a ler mais e a investigar os diversos campos que a Pedagogia oferece. Em uma aula da disciplina de Alfabetização, minha colega de turma comentou sobre Pedagogia Hospitalar e eu gostei muito desse tema, pois fugia do que eu estava esgotada de

ouvir desde o Ensino Médio. Comecei então a questionar como era possível se aprender dentro do hospital.

Neste período de graduação minha avó materna adoeceu e minha mãe passou um bom período com ela no hospital. Minha mãe sempre conversava sobre a dificuldade e o cansaço de se estar fora de casa. Um certo dia uma senhora, que também estava internada, resolveu ensinar aos pacientes e acompanhantes uma borboleta de papel. A alegria tomou conta da enfermaria, foi um momento de descontração e os pacientes reagiram muito bem. Quando as borboletas foram confeccionadas percebi que é possível aprender não importa onde esteja.

Partindo desta memória, o que mais tem me entusiasmado é a produção de conhecimento em espaços não escolares, mais precisamente em hospitais, que com programas de pedagogia hospitalar fazem diferença na construção de conhecimento da criança hospitalizada. Ao ser cativada pela Pedagogia Hospitalar, resolvi trabalhar em minha monografia este tema. Com este trabalho quero descrever como o currículo é construído na escola do Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP) além de analisar possíveis contribuições de uma pedagogia hospitalar para o desenvolvimento pedagógico dos pacientes lá internados.

## **CAPÍTULO 1 – Ideias norteadoras**

A construção de conhecimentos se dá a todo o momento, em diferentes lugares, por várias maneiras. No hospital, através de ações educativas como a escola no espaço hospitalar, é possível auxiliar alunos internados nesta construção de conhecimentos. Porém, para que essas medidas aconteçam é importante que o currículo da escola no hospital seja moldado de acordo com as situações que perpassam no cotidiano hospitalar, respeitando as vivências de cada sujeito envolvido.

### 1.1 - Currículo

Definir o currículo é tarefa desafiadora, pois várias são as imagens feitas sobre ele. O currículo pode ser compreendido como conteúdos a serem ensinados, disciplinas a serem cursadas, valores de determinada sociedade, conhecimentos transmitido com o passar do tempo, objetivos a serem alcançados, planejamento, processos de avaliação, experiências de aprendizagem, documento norteador em uma escola (MOREIRA, 2009; MOREIRA; CANDAU, 2007; SACRISTÁN, 1988). Dessa maneira, podemos entender, em um primeiro momento, que no currículo estão envolvidos os conhecimentos escolares, as relações sociais e de poder e a formação da identidade do aluno.

As discussões sobre os conhecimentos que seriam perpassados nas escolas iniciaram nos anos 70, quando alguns intelectuais começaram a alertar que os conteúdos curriculares eram transmitidos de acordo com os interesses das classes dominantes (SANTOS, 2009).

Exemplo disso estava no fato de que a forma de falar desse grupo, denominada de versão autorizada da língua, era a única aceita na escola. Outro exemplo poderia ser dado, considerando a disciplina História, uma vez que essa disciplina se restringia a fazer um relato dos fatos históricos, de acordo com a versão oficial, narrada com base nos interesses da classe dominante. A história escolar silenciava a respeito das lutas das camadas populares ou não lhes atribuía a importância que mereciam. (SANTOS, 2009. p. 11)

Nos dias de hoje as discussões que seguem relacionadas ao currículo e aos conhecimentos escolares tomam direcionamentos para algo mais crítico, abrangendo não só os interesses das classes dominantes, mas os das classes populares também. O currículo atualmente deve ser visto como algo que permita a diversidade, onde os alunos possam se reconhecer como sujeitos, reconhecer o outro e respeitá-lo independente da classe social.

Gomes (2007), afirma que não basta apenas incluir o tema diversidade nos currículos, faz-se necessário uma tomada de conscientização dessa diversidade que está presente tanto nos diversos espaços de construção de conhecimento quanto no próprio currículo.

A incorporação da diversidade no currículo deve ser entendida não como uma ilustração ou modismo. Antes, deve ser compreendida no campo político e tenso no qual as diferenças são produzidas [...] Conviver com a diferença (e com os diferentes) é construir relações que se pautem no respeito, na igualdade social, na igualdade de oportunidades e no exercício de uma prática e postura democráticas. (GOMES, 2007. p.30)

Nesse sentido, podemos compreender que o currículo deve ser pautado respeitando todas as diferenças e construí-lo a partir dessas diferenças auxilia na construção de sujeitos mais críticos. Moreira e Candau (2007, p.28) acreditam que o currículo “representa, assim, um conjunto de práticas que propiciam a produção, a circulação e o consumo de significados no espaço social e que contribuem, intensamente, para a construção de identidades sociais e culturais”. Portanto o currículo tem papel significativo na construção da identidade dos nossos alunos. Construir o currículo priorizando os sujeitos envolvidos e não os conteúdos (GOMES, 2007) é uma maneira de contribuir para a construção dessa identidade. Trabalhar o cotidiano dos alunos e suas vivências é uma maneira de priorizar estes sujeitos, é fazer com que o currículo proporcione a estes sujeitos conhecimentos significativos que vão auxiliá-los na construção de suas identidades.

Miguel Arroyo (2007) acredita que a organização curricular afeta a organização do trabalho na escola. Ele dialoga que o currículo também influencia na identidade do educando, em sua prática pedagógica, em sua maneira de lidar com os alunos, com outros professores e com as diferentes situações do cotidiano escolar. Para o autor a organização curricular não se separa da organização da escola que por sua vez condiciona a organização do trabalho docente. Esse condicionamento faz com que o professor comece a questionar determinadas ações que são pautadas a partir do currículo, ações estas que vem de maneira hierarquizada não permitindo a autonomia do professor.

Poderíamos partir da hipótese de que as indagações mais radicais sobre os currículos vêm das insatisfações com a organização escolar, especificamente com a organização do trabalho que o ordenamento curricular tanto condiciona. Logo, a reorientação curricular terá de se propor a mudar essas lógicas e valores. (ARROYO, 2007, p. 19)

A reorganização do currículo permite ao professor pensar em uma prática voltada para a construção de sua “identidade docente”, favorecendo uma melhor vivência tanto com alunos

quanto com outros professores. Dessa maneira o professor começa a enxergar o aluno como sujeito participante no processo de aprendizagem.

À medida que as sensibilidades se voltam para os sujeitos da ação educativa, para nossas identidades e saberes docentes e, sobretudo, para nosso trabalho, e à medida que temos outro olhar sobre os educandos, torna-se obrigatório ter outra visão sobre a prática escolar, os currículos, os tempos e seu ordenamento. (ARROYO, 2007, p. 21)

Entendemos que a forma que os professores enxergam os alunos influencia na maneira que vão ser transmitidos os saberes escolares. O currículo é estruturado de maneira que os alunos saiam moldados na medida em que a escola deseja, logo não se respeita o espaço de construção de conhecimento desses alunos. Arroyo (2007, p. 22) dialoga no sentido que

[...] se reconhecemos o papel constituinte dos educandos sobre o currículo e deste sobre os educandos, somos obrigados a repensar os currículos e as lógicas em que os estruturamos. Estas lógicas são muito mais conformadoras das identidades dos alunos do que as lições que transmitimos.

O currículo baseado nos alunos permite pensar em uma escola que respeite as diferenças, os anseios, as expectativas, as experiências, o cotidiano, os saberes, a cultura e tantas outras coisas construindo assim um espaço de construção de conhecimentos significativos. Portanto respeitar os saberes dos alunos e partir para construção de um currículo pautado nos interesses desses sujeitos é proporcionar a eles uma formação crítica e reflexiva sobre a identidade que eles estão construindo e que papel eles vão assumir na sociedade.

## 1.2 - Currículo no Hospital

Compreender como o currículo é construído na escola do hospital é fundamental, pois é através deste currículo que será possível auxiliar o aprendizado de muitas crianças e adolescentes que estão hospitalizados. Dessa maneira poderá ser possível construir um ensino de maneira que o aluno hospitalizado, mesmo com suas limitações, tenha a oportunidade de ensino daqueles que estão na escola regular.

Estamos acostumados a lidar com um currículo já moldado, que não se preocupa com as vivências dos alunos e não oferece abertura para criação de novas estratégias de aprendizado. O currículo no ambiente hospitalar deve ser construído respeitando a realidade



da criança e do adolescente hospitalizado, buscando compreender os conhecimentos prévios que estes possuem a fim de relacioná-los com o conhecimento “novo” a ser transmitido.

Segundo Botelho (2007):

No trabalho pedagógico hospitalar, o currículo trabalhado abrange todas as questões ligadas diretamente à identidade do aluno internado. A doença, a rotina hospitalar com os procedimentos médicos e de enfermagem, a alimentação, o tempo, o espaço físico, a família, a escola, são conceitos trabalhados pedagogicamente durante as situações de aprendizagem. (p. 122)

O currículo, independente ser for construído em um hospital ou em uma escola ou em qualquer outro lugar, deve ter por objetivo construir um conhecimento no aluno que produza significado/sentido para ele. No caso das crianças que estão hospitalizadas, faz-se necessário falar sobre temas que abordem saúde, corpo humano, contágio de doenças, pois estes temas estão ligados à vida destes alunos, o que proporciona a eles significado ao estudar estes assuntos.

Conhecer o significado de suas doenças e também das doenças das demais crianças hospitalizadas pode ajudar não somente a esclarecer sobre as forma de tratamento e profilaxia (se houver), como também contribui para desenvolver uma estabilidade emocional, a partir do momento em que a criança ou o adolescente vai tomando consciência do que está ocorrendo, entendendo seus limites e possibilidades. Obter informações sobre uma realidade imediata que os atinge concretamente amplia seu arcabouço de conhecimento sobre o mundo. É nesse sentido que o desenvolvimento de atividades educativas em hospital contribui para a saúde da criança que ali se encontra. (FONTES, VASCONCELLOS, 2007, p. 284)

É importante que a criança conheça o que está acontecendo com seu corpo, passar por essa experiência possibilita a criança uma “vivência significativa” como afirmam Rocha e Passeggi (2010), onde a criança vai aprender a valorizar a vida e a vivência com outros que estão em situação semelhante. Dessa maneira quando o currículo, dentro desse espaço, busca meios de abordar a saúde do sujeito envolvido, respeitando suas vivências, possibilita a criança mecanismos onde esta poderá enfrentar a doença de maneira crítica e reflexiva.

Conhecer a rotina do hospital, explorar junto à criança internada este ambiente, estabelecer um diálogo onde o educador busca perceber no educando sua visão de mundo, suas necessidades de vida e seus problemas e, a partir daí, realizar uma prática pedagógica que vai ao encontro de sua realidade, contribui para a construção de novos conhecimentos. (METZ; RIBEIRO, 2007, p. 75)

O hospital pode se tornar um lugar com diversas possibilidades de aprendizagem, a doença enfrentada pelos pacientes também pode se tornar conteúdo neste espaço. O currículo, na medida em que vai sendo construído buscando a realidade do aluno, permite um melhor aprendizado. Quando o professor busca trazer para o aluno o que está em sua realidade a aprendizagem se torna mais fácil. Portanto o currículo presente na escola do hospital não pode ser hierarquizado, ele deve ser adaptável, pois a todo momento surgem situações no cotidiano hospitalar que se o currículo não tiver aberto para mudanças pode tornar o aprendizado difícil. Além do mais, se o currículo não for flexível, a articulação entre a escola no hospital e a escola de origem do aluno se torna difícil.

Arosa, Ribeiro e Sardina (2008) dialogam no sentido que o currículo da escola no hospital deve “construir estratégias de integração entre os conhecimentos, práticas e valores construídos nesse espaço e aqueles com os quais a criança/adolescente irá dialogar ao regressar à escola fora do hospital.” (p. 55). Dessa maneira, o currículo da escola no hospital deve buscar estratégias para integrar os conteúdos que já foram trabalhados com os alunos na escola de origem com o novo a ser transmitido na escola do hospital. Se não houver esta abertura o reingresso da criança na escola regular pode ser frustrante, pois a criança não vai ter caminhado junto com os demais alunos, proporcionando a ele um atraso nos conteúdos. É importante frisar que a escola de origem tem um papel fundamental nesta caminhada, pois se ela for rígida e não auxiliar os professores da escola no hospital apresentando o que o aluno já trabalhou, o trabalho conjunto entre escola regular e escola no hospital se torna difícil o que pode trazer consequências negativas ao regresso do aluno à escola de origem.

Assim como Sacristán (1998) penso que o currículo deve estar pautado na realidade da criança para que o seu conhecimento produza significado em sua realidade. Dessa maneira, acredito que o currículo deve ser flexível e adaptável, pois a realidade da criança que está hospitalizada pode mudar a qualquer momento e o currículo deve ser pautado na realidade do aluno. Ele não pode ser absoluto, deve ser adaptável, e se transformar na medida em que a realidade do sujeito envolvido muda, para que haja um melhor aprendizado.

A elaboração de um currículo vai além de conteúdos e práticas. “Quando optamos por uma determinada concepção de currículo, estamos revelando que ser humano queremos formar, pois a construção curricular está relacionada à subjetividade, à identidade.” (AROSA; RIBEIRO; SARDINHA. 2008, p. 53). Faz-se necessário pensar em que escola queremos construir e em que sujeitos queremos formar.

### 1.3 - Classe Hospitalar

As ações educativas em hospitais vêm favorecendo o desenvolvimento físico, emocional e intelectual de sujeitos que estão internados e permanecem longe da escola. Ela dá suporte para estes alunos favorecendo a volta a escola regular após a saída do hospital. Para entendermos melhor como estas ações acontecem, faz-se necessário nos remetermos um pouco a história, buscando compreender sua importância para os sujeitos envolvidos.

Segundo Vasconcelos (2006), a ação educativa em hospitais começou em 1935 em Paris, logo depois foi adotada pela Alemanha, alguns outros países do continente europeu e Estados Unidos, tendo por objetivo suprir as necessidades educacionais das crianças, na época tuberculosas. O grande crescimento das ações educativas em hospitais foi causado pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em que muitas crianças foram mutiladas e impossibilitadas de frequentarem a escola. Em Paris, no ano de 1939, foi criado o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptada de Suresnes (CNEFEI), que tinha por objetivo formar professores para atuarem nos institutos especiais e nos hospitais. Neste mesmo ano foi criado o cargo de Professor Hospitalar (VASCONCELOS, 2006).

De acordo com Schilke (2007) as ações educativas em hospitais no Brasil tiveram início em 14 de agosto de 1950 no Hospital Municipal Jesus que logo foi seguido pelo Hospital Barata Ribeiro, ambos no Estado do Rio de Janeiro. É importante frisar que nesta época havia um grande surto de poliomielite e o atendimento girava em torno dos deficientes físicos. Schilke (2007) acredita que este pode ter sido um dos motivos da ação educativa hospitalar ser entendida como uma modalidade da educação especial, naquela época. É importante salientar que atualmente, essas ações, fazem parte da educação especial, visto que nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica são abordadas ações a serem tomadas “a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio” (BRASIL, 2001, p. 4).

As ações educativas em hospitais, em 1950, não possuíam vínculo com a Secretaria de Educação. Os diretores dos dois hospitais que participavam destas ações educativas buscaram a regulamentação, mas isto só foi ocorrer no ano de 2002 com a publicação do documento *Classe Hospitalar e Atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações* pelo Ministério da Educação, através da Secretária de Educação Especial (BRASIL, 2002).

De acordo com este documento, denomina-se Classe Hospitalar “o atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental” (BRASIL, 2002, pg. 13). A Classe Hospitalar tem por objetivo acompanhar pedagogicamente o aluno garantindo, através de um currículo flexibilizado, o vínculo com a escola de origem, que proporcionará, após sua saída do hospital, continuar seus estudos.

A Resolução nº2, de 11 de setembro de 2001<sup>1</sup>, em seu art. 13, §1º diz que:

As classes hospitalares e o atendimento em ambiente domiciliar devem dar continuidade ao processo de desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de alunos matriculados em escolas da Educação Básica, contribuindo para seu retorno e reintegração ao grupo escolar, e desenvolver currículo flexibilizado com crianças, jovens e adultos não matriculados no sistema educacional local, facilitando seu posterior acesso à escola regular. (BRASIL, 2001, p.4)

Percebemos através deste trecho que o atendimento pedagógico hospitalar deve beneficiar tanto alunos matriculados em escola da Educação Básica, quanto alunos não matriculados no sistema educacional. A Resolução nº41 de 13 de outubro de 1995<sup>2</sup>, afirma que a criança e o adolescente hospitalizado têm “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar, durante sua permanência hospitalar” (BRASIL, 1995, p.2). Porém para que esta educação aconteça faz-se necessário que Município, Estado e Distrito Federal trabalhem em conjunto com as unidades de saúde em que o atendimento pedagógico está sendo oferecido.

O professor neste ambiente tem papel fundamental, inserido no hospital, ele tem acesso aos prontuários, contato com a equipe médica o que possibilita a ele elaborar estratégias diversificadas para auxiliar o educando a compreender o que está acontecendo com seu corpo e desenvolver outros aprendizados. De acordo com o documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar (BRASIL, 2002) é de responsabilidade do sistema educacional e do serviço de saúde auxiliar o professor assessorando no que for preciso a fim de promover uma educação de qualidade dentro do hospital. Ainda de acordo com este documento, o professor neste ambiente deve estar aberto a trabalhar com diversidades, respeitando as limitações de cada sujeito envolvido, além de procurar adaptar o currículo e sua prática para auxiliar no processo de aprendizagem dos sujeitos envolvidos. Estar disposto a realizar visitas nas escolas destes alunos para conversar sobre o reingresso e permanência

---

<sup>1</sup> Resolução que institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

<sup>2</sup> Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizado

dos sujeitos envolvidos e saber trabalhar em conjunto com pais, equipe médica e outros professores, também são características imprescindíveis no perfil deste profissional.

O ambiente que o professor vai trabalhar com os educandos deve ser adaptado de acordo com as necessidades apresentadas pelos sujeitos envolvidos, além de ser um ambiente acolhedor. Jogos, brinquedos, livros, televisão, dentre outras coisas, estimulam a permanência da criança no ambiente em que estão acontecendo às atividades. Oliveira, Filho e Gonçalves afirmam que:

O ambiente da classe hospitalar necessita ser diferenciado, tem que ser acolhedor, com estimulações visuais, brinquedos, jogos, sendo assim um ambiente alegre e aconchegante. É através do brincar que as crianças e adolescentes internados encontram maneiras de viver a situação de doença, de forma criativa e positiva. Portanto, o trabalho em classe hospitalar faz com que há diminuição do risco de comprometimento mental, emocional e físico dos enfermos. (2008, p.2)

No ambiente hospitalar estão presentes sentimentos de dor, medo, angústia, além da frustração que muitos sentem por estarem privados da convivência com pessoas próximas (familiares e amigos). Dessa maneira, o espaço hospitalar pode se configurar em um lugar repleto de sofrimento e afastado de situações de contentamento. Sendo assim o educador deve estar atento em elaborar um ambiente que além de chamar a atenção das crianças, ofereça meios para que esses sentimentos sejam substituídos pela construção de um conhecimento significativo. “No hospital, a aprendizagem significativa está em conhecer e desvelar o contexto em que a criança se situa, valorizando seus desejos, suas fantasias e suas ações, quase sempre desprezados num processo de internação hospitalar.” (FONTES, 2003, p. 135 e 136). Neste espaço o educador deve estar atento à visão que a criança tem daquele espaço e a partir disto deve buscar compreender e escutar aquilo que a criança pensa ser importante para ela, já que a construção do conhecimento significativo parte daquilo que a criança acredita ser importante para vida dela.

É importante estar atento que a escola inserida em um hospital se difere da escola comum em vários aspectos, sobre esta temática Silva et. al (2008) dialogam no sentido que:

É necessário compreender que a escola no hospital possui especificidades que se diferenciam da escola convencional. Os aspectos como a rotatividade dos alunos, a rotina diária, o fluxo e a dinâmica de internações, fazem com que pensemos em estratégias adequadas às exigências e necessidades, contemplando assim, a criança hospitalizada. (p. 30)

Dessa maneira a Classe Hospitalar tem o papel de estar atenta em atender a todas as crianças envolvidas, respeitando suas limitações e vivências afim de proporcionar situações

de aprendizado à esses sujeitos. Arosa, Ribeiro e Sardinha (2008, p. 57) discutem no sentido que “A criança internada em uma unidade hospitalar está temporariamente distante do seu grupo escola de origem, mas não deixou de ser sujeito de conhecimento”. Portanto as Classes Hospitalares tem significado positivo no desenvolvimento dos alunos internados, na medida em que busca a continuidade dos estudos desses sujeitos de maneira que as vivências adquiridas nos hospitais e os conceitos trazidos de fora são respeitados e não deixaram de se tornar conhecimento.

## Capítulo 2 – A Pesquisa

### 2.1 - O Local da Pesquisa

O Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP) e o Hospital Getúlio Vargas Filho (HGVF), ambos situados no Município de Niterói no Estado do Rio de Janeiro, são dos poucos que realizam ações educativas com as crianças hospitalizadas. Em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME)/ Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME) o HUAP e o HGVF participam do *Programa Pedagogia Hospitalar* que trabalha com a escola dentro do hospital. Desde 1993 a FME busca medidas para garantir o direito a educação para as crianças hospitalizadas. Inicialmente o trabalho recebeu a nomenclatura “Classe hospitalar” e, posteriormente ganhou a dimensão de “Programa Pedagogia Hospitalar”. O calendário escolar acompanha o da rede municipal de educação de Niterói. A escola no hospital tem sua sala localizada no andar da pediatria (4º andar) e funciona de terça-feira a sexta-feira de 13h às 17h, na parte da manhã os pacientes recebem os procedimentos médicos. Para realizar este trabalho escolhi como campo de pesquisa o HUAP, onde investiguei como o currículo escolar é construído dentro do Programa Pedagogia Hospitalar deste hospital.

O Hospital Universitário Antônio Pedro foi inaugurado no dia 15 de janeiro de 1951, e recebeu o nome em homenagem a um dos fundadores da Faculdade Fluminense de Medicina, Antônio Pedro Pimentel. Segundo o site do hospital<sup>3</sup> *durante os seus primeiros anos de existência, o HUAP sobreviveu com verbas da Prefeitura e também com aquelas obtidas por meio da cobrança de serviços médicos prestados. Em 1957, a Prefeitura proibiu a cobrança de serviços e, em oito meses, praticamente sem recursos, o hospital fechou suas portas.*

*Em dezembro de 1961, o hospital chegou a ser reaberto em caráter de emergência, para atender as vítimas do incêndio do Gran-Circo Americano, que vitimou 400 pessoas, a maioria delas crianças. Uma equipe composta por médicos da Prefeitura e estudantes da Faculdade de Medicina da UFF foi montada às pressas para viabilizar esse atendimento. Como Niterói necessitava de um estabelecimento hospitalar de grande porte, houve esforço no sentido de mantê-lo aberto.*

*Entretanto, a insuficiência de fundos e a falta de equipamentos e de materiais de consumo fizeram com que o hospital fosse desativado, em pouco menos de um ano. Em 1964, depois de três anos de abandono e como resultado de uma longa mobilização dos estudantes*

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://rede.huap.uff.br/huap/node/16>>. Acesso em: 08 jun. 2011.

*de Medicina, o Hospital Municipal foi cedido pela Prefeitura à Universidade Federal Fluminense, tornando-se assim o Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP).*

*Atualmente, o HUAP é a maior e mais complexa unidade de saúde da Grande Niterói e, portanto, considerado na hierarquia do SUS como hospital de nível terciário e quaternário, isto é, unidade de saúde de alta complexidade de atendimento.*

*O HUAP atende a população da Zona Metropolitana II que engloba, além de Niterói, as cidades de Itaboraí, Maricá, Rio Bonito, São Gonçalo, Silva Jardim e Tanguá. Sua área de abrangência atinge uma população estimada em mais de dois milhões de habitantes e, pela proximidade com a cidade do Rio de Janeiro, atende também parte da população desse município.*

A proposta pedagógica existe numa tentativa de repor alguns conhecimentos que seriam de responsabilidade da escola, já que algumas crianças ficam internadas por longo tempo. Na escola do HUAP dois professores<sup>4</sup>, concursados da Rede Municipal de Niterói, desenvolvem o trabalho com as crianças hospitalizadas. O primeiro contato é feito no leito a partir do primeiro dia de internação, com contação de histórias, desenhos, pinturas e conversa informal com os pacientes. As crianças são convidadas a conhecerem a escola do hospital, muitas demonstram entusiasmo ao irem para a sala de aula. O espaço utilizado como sala de aula, não é muito grande, mas possui alguns equipamentos fundamentais para que as atividades sejam realizadas. Na sala podemos encontrar dois armários, dois quadros brancos, dois computadores, mesas, cadeiras, estante com livros e brinquedos, televisão, vídeo game e laptop (esses três últimos são mais utilizados no leito com as crianças que estão impossibilitadas de frequentarem a sala). Na parede são penduradas as telas emolduradas e pintadas pelas crianças que já passaram por esta escola.

---

<sup>4</sup> Simone dos Santos Botelho e Victor Vita Moraes, professores integrantes do Programa Pedagogia Hospitalar.





*Telas pintadas pelas crianças hospitalizadas*



*Estante de livros e casinha de boneca*



*Carteiras e quadro branco*

Nesta sala os professores desenvolvem atividades de acordo com o nível educacional de cada criança. As atividades são diferenciadas e entre elas estão a contação de histórias, pintura em tela, atividades interativas, exercícios que se adequam ao nível de aprendizado e idade de cada criança. Os jogos educativos, utilizados nos computadores, chamam a atenção das crianças, assim também como as releituras das obras do artista brasileiro Romero Britto que são realizadas pelas próprias crianças.



*Algumas das releituras de Romero Britto/ um dos computadores utilizados pelas crianças*

As atividades chamam a atenção das crianças, pois os recursos utilizados são variados e a metodologia diferenciada. A criança é livre para participar da atividade proposta, não participando são apresentadas outras opções. Contação de histórias, jogos educativos e produção livre fazem parte do cotidiano. Quando as crianças estão impossibilitadas de irem até a sala, o trabalho é realizado no próprio leito, para que isto aconteça da melhor maneira são levados as mesas móveis ou as pranchetas além dos materiais necessários para o desenvolvimento da atividade. Os leitos são classificados em lactantes (crianças entre 0 e 2 anos de idade), pré- escolar (crianças entre 3 e 5 anos de idade) e escolar (crianças entre 6 e 14 anos de idade). As crianças lactantes geralmente não vão à sala, por isso os professores sempre colocam músicas para estimular e relaxar as crianças desta enfermaria.

Depois do vigésimo dia de internação os professores do programa entram em contato com a escola de origem de cada criança, formando parceria a fim de garantir a continuação dos estudos de cada criança envolvida. O contato com a escola é feito geralmente por telefone, depois os professores vão a escola para conversar com a professora da turma e conhecer as atividades que estão sendo elaboradas.

Durante o ano os professores trabalham com projetos. Juntamente com a equipe de educação especial da SME e com os professores do HGVF. A equipe se reúne toda segunda-feira para falar sobre os avanços dos trabalhos realizados nos hospitais e nos domicílios<sup>5</sup> e para receber alguns informes. Nestas reuniões a equipe tem a oportunidade de participar de um momento de reflexão com dinâmicas e atividades variadas de relaxamento e reflexão. Pude perceber que depois destes momentos, os professores saem muito mais motivados. Esta equipe elabora um projeto diferente para ser desenvolvido (na escola no hospital) em cada ano, e paralelamente a este desenvolvem o projeto permanente *Identidade*, que tem como eixos: a criança, a patologia, o hospital, a família e a escola. O projeto *Fazendo arte na Pedagogia Hospitalar* não é permanente, mas também é desenvolvido paralelamente com os outros projetos.

## 2.2 - Descrição da atividade realizada com as crianças

Antes de encerrar o estágio na escola no hospital, todo o estagiário realiza uma atividade com as crianças. Tive a oportunidade de também realizar um trabalho com as crianças.

---

<sup>5</sup> Alguns destes professores participam do atendimento pedagógico domiciliar, e nestas reuniões eles contam como seus alunos estão se desenvolvendo.

Propus a criação de uma Mandala e eu tinha como objetivos a serem alcançados com esta atividade:

- Explorar a criatividade;
- Desenvolver a socialização através das interações;
- Elevar a autoestima;
- Relatar vivências.

Com o auxílio dos professores e dos outros estagiários presentes realizei a atividade com as crianças no último dia de estágio. Realizamos no leito da enfermaria escolar para que todas pudessem participar. Preparamos os materiais necessários como cds sem utilidade, cola, botões, papéis picados, dentre outros materiais e após o lanche iniciamos a atividade. Por ter sido no leito, os pais presentes também quiseram participar. Iniciamos a atividade com uma música onde podemos aplicar exercícios de relaxamento e respiração. Falamos sobre o significado da *mandala* e deixamos que cada um produzisse livremente a sua. Ao final da atividade conversamos sobre o que sentiram enquanto participavam do relaxamento e da criação. Muitos falavam que sentiram relaxamento, alívio, felicidade, contentamento.



*Acompanhantes e pacientes realizando a atividade*



*Paciente contando o que sentiu após realizar a atividade*



*Mandala de um dos pacientes*

Através desta atividade percebi o quanto que as ações educativas em hospitais auxiliam no desenvolvimento dos pacientes. Aqueles que no início da atividade estavam desanimados ao final estavam conversando, sorrindo e contando o que sentiram. Assim como Monteiro (2007), acredito que determinadas atividades que envolvem brincadeiras, desenhos e familiares podem diminuir o cansaço e sofrimento causado pelo ambiente hospitalar. Dessa maneira as atividades educativas realizadas em hospitais devem ter um caráter inovador, buscando estratégias que atraiam as crianças a continuarem aprendendo neste novo espaço, para que ao retornarem a escola de origem tenham a oportunidade de retomarem seus estudos.

### 2.3 - Panorama de Achados

A psicopedagoga Simone dos Santos Botelho colaborou com um material impresso. Neste material estão algumas entrevistas realizadas por estudantes de outras universidades, onde foram coletadas dos professores da escola no hospital algumas informações sobre o processo de ensino aprendizagem, o cotidiano, o papel do professor neste espaço e tantas outras questões que passam o cotidiano deste ambiente escolar.

Das respostas obtidas com esses questionários, me chamou a atenção a fala sobre o papel do professor neste espaço. O professor proporciona a garantia ao direito a educação, ele representa para as crianças hospitalizadas uma “referência de vida saudável”. É através do professor que se “estabelece uma relação com o mundo exterior e com os laços da aprendizagem”, o que auxilia na melhora no desenvolvimento do aluno. O professor neste espaço deve ter uma visão mais ampla da educação, pois é ele quem vai estimular a produção do conhecimento neste espaço, respeitando os saberes dos educandos. Dessa maneira compreendemos que o professor nessa escola tem a função de proporcionar mecanismos para a construção de conhecimentos significativos no espaço hospitalar, fazendo com que este ambiente não seja preenchido apenas por sofrimento.

Outro assunto que me chamou atenção nas entrevistas foi a relação pais e professores. A psicopedagoga afirma que o trabalho é muito aceito e valorizado pelos responsáveis das crianças internadas. A maioria dos pais desconhece este trabalho, porém quando passam a conhecer comentam como auxilia no bem estar dos alunos e em seu desenvolvimento. Muitos responsáveis participam junto dos pacientes das atividades, o que contribui para fortalecer o vínculo entre eles.

Através das entrevistas pude compreender que as ações educativas nos hospitais trazem benefícios tanto para alunos, quanto para professores e pais. Os alunos tem a oportunidade de continuarem seus estudos possibilitando o reingresso a escola regular, enquanto que os professores e pais contribuem para o desenvolvimento emocional e físico desses alunos e ao mesmo tempo são tocados por eles. Tudo funciona como mecanismo de troca, a medida que os professores e os pais participam deste processo eles contribuem para o bem estar e desenvolvimento das crianças ao mesmo tempo aprendem com elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve a finalidade de sinalizar os benefícios das ações educativas nos hospitais para os alunos lá internados. Ter a possibilidade de dar continuidade em seus estudos no hospital é um direito da criança e do adolescente, que neste espaço tem seu cotidiano modificado pela rotina do hospital. A escola no ambiente hospitalar auxilia no desenvolvimento destes sujeitos na medida em que eles têm a possibilidade de continuarem seus estudos e se relacionarem com outras pessoas (professores e demais pacientes).

Neste espaço cabe ao professor despertar o interesse dos alunos com atividades interessantes que possibilitem situações de bem estar, autoconhecimento, socialização e tantas outras coisas que poderão auxiliar o educando a superar a doença. O professor neste ambiente deve estar consciente da importância de se adequar os conteúdos as necessidades dos alunos, buscando respeitar os conhecimentos já trazidos e procurando auxiliar na construção de novos conhecimentos. Desta maneira, o currículo neste ambiente deve ser pensado na perspectiva de incluir aquilo que os alunos afastados do seu convívio necessitam. Ele não pode ser imutável, absoluto, inflexível, pelo contrário a todo o momento deve se buscar mecanismos para que o currículo seja recriado auxiliando na construção de conhecimentos e identidades.

Infelizmente são poucos hospitais que possuem ações educativas, muitos pais não sabem que este é um direito dessas crianças enquanto que outros não se atentam para importância que essas ações educativas têm para os sujeitos envolvidos. As pesquisas e os materiais disponibilizados sobre esta temática também poucas, faltam medidas para que estas ações educativas alcancem a todos.

Acredito que por mais que sejam poucas as ações educativas nos hospitais, faz-se necessário refletir como o currículo é construído neste espaço, quais são as práticas que norteiam este lugar, quais os benefícios para os sujeitos envolvidos. Os resultados dessas ações podem ser vistas no desenvolvimento físico, emocional e social dos pacientes. A escola no hospital contribui para o fortalecimento de vínculos entre alunos, pais e professores, além de auxiliar na construção de conhecimentos significativos para estas crianças dando a elas oportunidade de continuarem seus estudos e futuramente reingressarem na escola de origem.

## REFERÊNCIAS

- AROSA, Armando C.; RIBEIRO, Rosana; SARDINHA, Rosely Farias. Currículo para uma escola no hospital. In: AROSA, Armando C.; SCHILKE, Ana Lúcia (Org.) *Quando a escola é no hospital*. Niterói: Intertexto, 2008. p. 51-59.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. Educandos e Educadores: seus Direitos e o Currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (Org.). *Indagações sobre o Currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag2.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- BOTELHO, Simone dos Santos. A afetividade na ação pedagógica no contexto hospitalar. In: AROSA, Armando C., SCHILKE, Ana Lúcia (Org.). *A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras*. Niterói: Intertexto, 2007. p. 117-134.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações*. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- \_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/ CBE nº 2, de 11 de setembro de 2001. *Diário Oficial da União*, Brasília, 14 set. 2001. Seção 1E, p. 39-40. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- \_\_\_\_\_. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução CONANDA n.º 41, de 13 de outubro de 1995. *Diário Oficial da União*, Brasília, 17 out. 1995. Seção I, p. 16319-16320. Disponível em: <<http://www.mp.rs.gov.br/infancia/legislacao/id2178.htm>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- FONTES, Rejane de S. *A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital*. Niterói: [s.n.], 2003.
- FONTES, Rejane de S.; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. O Papel da Educação no Hospital: uma reflexão com base nos estudos de Wallon e Vigotski. *Cadernos CEDES*, Campinas, vol. 27, n. 73, set./dez. 2007. p. 279-303. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n73/03.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2011.
- GOMES, Nilma Lino. Diversidade e Currículo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (Org.). *Indagações sobre o Currículo: Diversidade e Currículo*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag4.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.
- METZ, Patrícia Ponte; RIBEIRO, Rosana. A prática pedagógica e o currículo no hospital: reflexões sobre uma ação educativa emancipadora. In: AROSA, Armando C., SCHILKE, Ana Lúcia (Org.). *A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras*. Niterói: Intertexto, 2007. p. 69-82.
- MONTEIRO, Maria do Céu Lobo da Rocha. Humanização nos hospitais: gente cuidando de gente. In: AROSA, Armando C., SCHILKE, Ana Lúcia (Org.). *A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras*. Niterói: Intertexto, 2007. p. 15-21.
- MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. Currículo: conhecimento e cultura. *Salto para o futuro*, [Brasília], ano 19, n. 1, abr., 2009. p. 4-9. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/171510Curriculo.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011. (Apresentação).



MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Currículo, Conhecimento e Cultura. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do. (Org.). Indagações sobre o Currículo: Currículo, Conhecimento e Cultura. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

OLIVEIRA, Linda Marques de; FILHO, Vanessa Cristiane de Souza; GONÇALVES, Adriana Garcia. Classe hospitalar e a prática pedagógica. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*, São Paulo, ano 6, n. 11, jan. 2008. Disponível em <<http://www.revista.inf.br/pedagogia/pages/artigos/edic11-anovi-art10.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.

ROCHA, Simone Maria; PASSEGGI, Maria da Conceição. Classe hospitalar: um espaço de vivências educativas para crianças e adolescentes em tratamento de saúde. *Revista Ambiente e Educação*, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 113-121, jan./jun. 2010. Disponível em: <[http://www.unicid.br/old/revista\\_educacao/pdf/volume\\_3\\_1/simone.pdf](http://www.unicid.br/old/revista_educacao/pdf/volume_3_1/simone.pdf)>. Acesso em: 24 nov. 2011.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTOS, Lucíola. A construção do currículo. *Salto para o futuro*, [Brasília], ano 19, n. 1, abr., 2009. p. 10-14. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/171510Curriculo.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2011.

SCHILKE, Ana Lúcia Tarouquella. A ação educativa hospitalar que temos... a escola no hospital que queremos. In: AROSA, Armando C., SCHILKE, Ana Lúcia (Org.). *A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras*. Niterói: Intertexto, 2007. p. 33-45.

SILVA, Fátima Júlia Martins da et al. O trabalho pedagógico no hospital. In: AROSA, Armando C., SCHILKE, Ana Lúcia (Org.) *Quando a escola é no hospital*. Niterói: Intertexto, 2008. p. 29-39.

SILVA, Fátima Júlia Martins da. Ação educativa no hospital: desafios e possibilidades. In: AROSA, Armando C., SCHILKE, Ana Lúcia (Org.). *A escola no hospital: espaço de experiências emancipadoras*. Niterói: Intertexto, 2007. p. 147-157.

VASCONCELOS, Sandra Maria Faria. Intervenção escolar em hospitais para crianças internadas: a formação alternativa re-socializadora. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PEDAGOGIA SOCIAL, 1., 2006, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100048&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100048&script=sci_arttext)>. Acesso em: 06 nov. 2010.